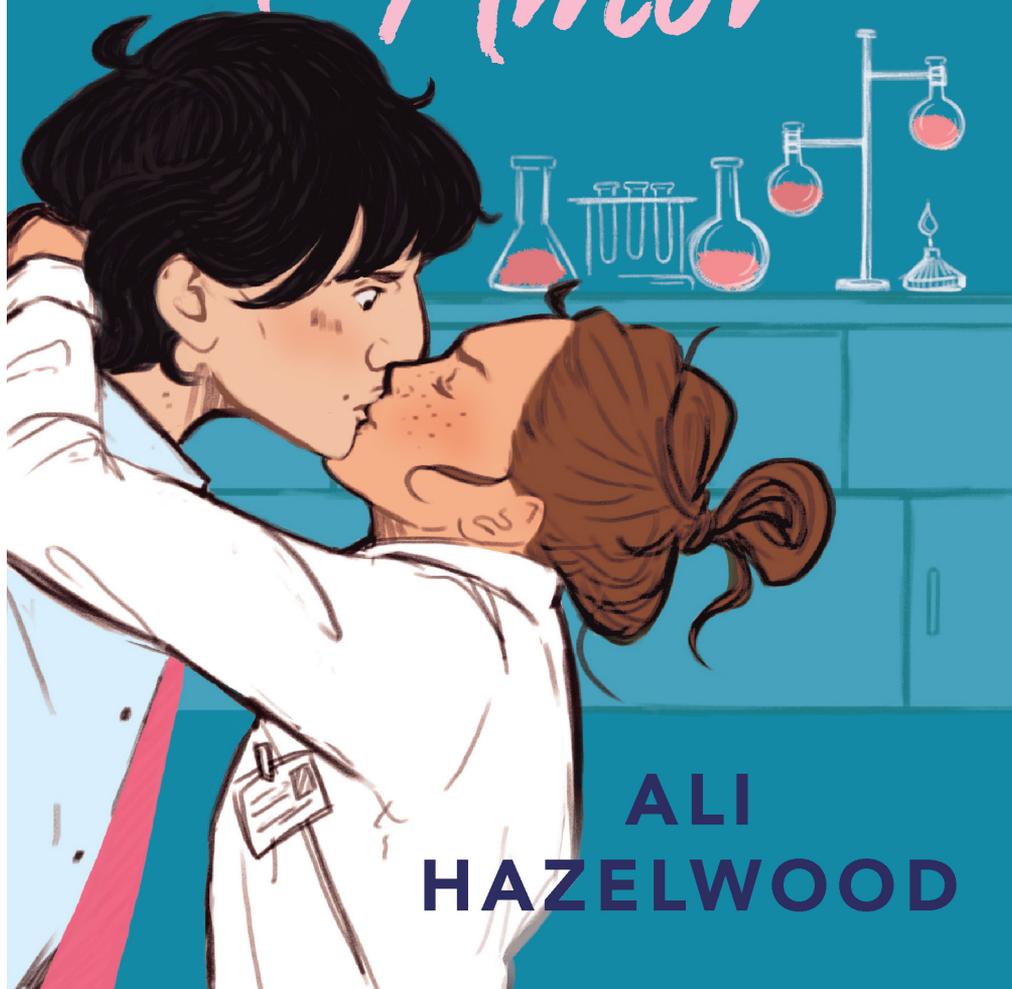


"O casamento perfeito entre o profundamente inteligente e o deliciosamente divertido." — CHRISTINA LAUREN, autora da série *Cretino Irresistível*

A Hipótese do Amor



ALI
HAZELWOOD

hi·pó·te·se (substantivo)

Uma suposição ou explicação possível construída com base em evidências limitadas como um ponto de partida para mais investigações.

Exemplo: "Com base nas informações disponíveis e nos dados coletados até agora, minha hipótese é: quanto mais longe eu me mantiver do amor, melhor eu vou ficar."

Prólogo

Para dizer a verdade, Olive não estava muito decidida em relação ao doutorado.

Não porque não gostasse de ciência. (Ela gostava. Ela *amava* ciência. Era totalmente a praia dela.) O motivo também não era a enorme quantidade de sinais de alerta óbvios. Ela estava bem ciente de que se comprometer a encarar alguns anos trabalhando oitenta horas por semana, sendo mal paga e desvalorizada talvez não fosse bom para sua saúde mental. Sabia também que as árduas noites passadas dentro de um laboratório para revelar uma porção ínfima de conhecimento banal talvez não fossem o caminho para a felicidade. E que se dedicar de corpo e alma às pesquisas acadêmicas, apenas fazendo raras pausas para roubar pãezinhos esquecidos por alguém, talvez não fosse a escolha mais sábia.

Olive já tinha refletido sobre todas essas desvantagens, mas mesmo assim nada daquilo a preocupava. Ou talvez preocupasse um pouquinho, mas ela conseguiria lidar com isso. Era outra coisa que a estava impedindo de se render e vender sua alma para o mais famoso círculo do inferno (também conhecido como programa de doutorado). Mas então ela foi chamada para uma entrevista para uma vaga no departamento de biologia de Stanford e cruzou com O Cara.

O Cara cujo nome ela nunca descobriu.

O Cara que ela conheceu depois de entrar aos tropeços, sem olhar, no primeiro banheiro que encontrou.

O Cara que perguntou:

– Só por curiosidade, tem algum motivo específico pra você estar chorando no meu banheiro?

Olive deu um gritinho. Tentou abrir os olhos em meio às lágrimas, sem muito sucesso. Seu campo visual estava completamente embaçado. Tudo que conseguiu ver foi um vulto – alguém alto, de cabelos escuros, vestido de preto e... só.

– Eu... Aqui não é o banheiro feminino? – balbuciou ela.

Uma pausa. Silêncio. E então:

– Não.

A voz dele era grave. Bem grave. Parecia vinda de um sonho.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Absoluta?

– Sim, já que esse é o banheiro do meu laboratório.

Depois dessa, ela teve que ceder.

– Mil desculpas. Você está querendo...

Ela fez um gesto em direção às cabines, ou para onde achou que ficavam as cabines. Seus olhos ardiavam, mesmo fechados, e ela os apertou ainda mais para diminuir a sensação. Tentou secar as bochechas com a manga do vestido envelope, mas o tecido era fino e meio vagabundo, nem um pouco absorvente como algodão de verdade. Ah, as maravilhas de ser pobre.

– Só preciso derramar esse reagente na pia – respondeu ele.

Mas ela não o ouviu se mexer. Talvez porque ela estivesse no meio do caminho. Ou talvez ele achasse que Olive era louca, já pensando em chamar o segurança para tirá-la dali. O sonho do doutorado terminaria de forma rápida e cruel.

– Não usamos isso aqui como banheiro, mas como um lugar para descartar resíduos e lavar os equipamentos.

– Ah, desculpe. Eu pensei...

Errado. Achou errado, como era seu costume e sua sina.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ele devia ser bem alto. A voz parecia vir de uns três metros acima dela.

– Claro. Por quê?

– Porque você está chorando. No meu banheiro.

– Ah, não estou chorando. Bom, meio que estou, mas são só lágrimas, sabe como é.

– Não, não sei.

Ela soltou um suspiro e se recostou na parede de azulejos.

– São minhas lentes de contato. Estão vencidas há um tempinho e nunca foram muito boas mesmo. Incomodam meus olhos. Eu tirei, mas... – ela deu de ombros – ... demora um pouco pra melhorar.

– Você colocou lentes de contato vencidas?

Ele parecia pessoalmente ofendido.

– Vencidas há pouco tempo.

– O que é “pouco tempo”?

– Sei lá. Alguns anos?

– *O quê?*

Sua pronúncia era incisiva e precisa. Vigorosa. Agradável.

– Só dois ou três, eu acho.

– Só dois ou três *anos*?

– É tranquilo. Data de validade é para os fracos.

Houve um som agudo, algo como um guincho de deboche.

– Data de validade serve para eu não encontrar você chorando no meu banheiro.

A menos que aquele cara fosse o próprio Sr. Stanford, deveria parar de chamar o lugar de *seu* banheiro.

– Está tudo bem. – Ela fez um gesto de desdém com a mão. Teria revirado os olhos se não estivessem queimando. – Normalmente a ardência passa depois de alguns minutos.

– Então você já fez isso antes?

Ela franziu a testa.

– Fiz o quê?

– Usar lentes de contato vencidas.

– É óbvio. Lentes não são baratas.

– *Olhos* também não são.

Hum. Bem pensado.

– Ei, a gente já se esbarrou? – perguntou ela. – Talvez ontem à noite, no jantar de aspirantes a uma vaga no doutorado?

– Não.

– Você não estava lá?

– Não sou chegado nessas coisas.

– Nem na comida de graça?

– Não compensa o papo furado.

Que tipo de estudante de doutorado diria uma coisa daquelas? Ele devia estar de dieta, só podia. E Olive tinha *certeza* de que ele era um estudante de doutorado; o tom de voz esnobe e condescendente denunciava logo. Todos os doutorandos eram assim: achavam que eram melhores que todo mundo só porque tinham o privilégio questionável de trucidar mosquinhos-da-fruta em nome da ciência por noventa centavos por hora. No cenário sombrio e deprimente da academia, os alunos de pós-graduação estavam na base da pirâmide das criaturas e, portanto, precisavam convencer a si mesmos de que eram os melhores. Olive não era psicóloga nem nada, mas aquele parecia um caso clássico de mecanismo de defesa.

– Você vai fazer entrevista para uma vaga no programa? – perguntou ele.

– Isso. Para a turma de biologia do ano que vem. – Caramba, os olhos dela ainda ardiam muito. – E você? – indagou ela, pressionando as palmas das mãos nos olhos.

– Eu?

– Há quanto tempo está aqui?

– Aqui? – Ele fez uma pausa. – Seis anos, mais ou menos.

– Ah. Vai se formar em breve, então?

– Eu...

Ela percebeu a hesitação dele e imediatamente se sentiu culpada.

– Olha, não precisa me dizer. Primeira regra do doutorado: não pergunte a outros estudantes sobre o progresso da tese deles.

Um segundo se passou. Depois outro.

– Certo.

– Me desculpe. – Ela queria conseguir enxergá-lo. Interações sociais já eram difíceis por si só; daquele jeito, então, tinha menos informações ainda sobre como deveria agir. – Não foi minha intenção soar como seus pais no almoço de Ação de Graças.

Ele riu de leve.

– Você jamais conseguiria.

– Ah. – Ela sorriu. – Pais irritantes?

– E almoços de Ação de Graças ainda piores.

– É nisso que dá vocês, americanos, saírem da Commonwealth. Meu nome é Olive, aliás. Sim, “azeitona” em inglês.

Ela começava a se perguntar se tinha acabado de se apresentar para a pia quando o ouviu chegar mais perto. A mão que segurou a dela estava seca e quente e era tão grande que poderia ter envolvido seu punho inteiro. Tudo nele parecia ser imponente: altura, dedos, voz.

Não era de todo ruim.

– Você não é americana? – perguntou ele.

– Canadense. Olha, se você por acaso falar com alguém que está no comitê de admissões, poderia, por favor, não mencionar esse meu infortúnio com as lentes? Acho que não ia me fazer parecer uma candidata muito brilhante.

– Você *acha*? – disse ele, com frieza.

Ela o teria fuzilado com o olhar se conseguisse. Ou talvez tivesse conseguido, porque ele riu – foi um riso abafado, mas ela percebeu. E meio que gostou.

Ele soltou sua mão, e só então ela percebeu que ainda estava agarrada à mão dele. Ops.

– Está pensando em se matricular? – indagou ele.

Ela deu de ombros.

– Não sei se vou conseguir uma vaga.

No entanto, ela e a professora que a entrevistou, a Dra. Aslan, tinham se dado muito bem. Olive gaguejou e se enrolou bem menos que o normal. Além disso, seu coeficiente de rendimento e sua nota da prova para o doutorado eram quase perfeitos. Às vezes não ter vida até que servia para alguma coisa.

– Está pensando em se matricular se conseguir a vaga, então?

Ela seria idiota se não se matriculasse. Afinal, tratava-se de Stanford, um dos melhores programas de biologia. Ou ao menos era o que Olive vinha dizendo a si mesma para encobrir a verdade apavorante.

E a verdade era que ela não estava muito decidida em relação ao doutorado.

– Eu... Talvez. Admito que a linha que separa uma excelente escolha profissional de uma bela cagada na vida anda meio nebulosa.

– Parece que você está tendendo à cagada. – Pela voz dele, parecia que estava sorrindo.

– Não. Bem.... Eu só...

– O quê?

Ela mordeu o lábio.

– E se eu não for boa o suficiente? – disparou ela.

Meu Deus, por que ela estava compartilhando os mais profundos e secretos medos de seu coração com aquele cara aleatório num banheiro? E para que isso, no final das contas? Sempre que ela expunha suas dúvidas para amigos e conhecidos, todos automaticamente respondiam com as mesmas palavras vazias de encorajamento: “Você vai ficar bem”, “Você consegue”, “Eu acredito em você”. Aquele sujeito certamente ia dizer a mesma coisa.

Estava prestes a dizer.

A qualquer momento.

– Por que você quer fazer isso? – perguntou ele.

Hein?

– Fazer... o quê?

– O doutorado. Qual é a sua motivação?

Olive pigarreou.

– Sempre tive uma mente questionadora, e o doutorado é o ambiente ideal para estimular isso. Vai me propiciar habilidades importantes...

Ele deu uma risada de deboche. Ela franziu a testa, confusa.

– O que foi? – indagou Olive.

– Esqueça essa frase que você encontrou em algum livro preparatório para entrevistas. Por que *você* quer ter um doutorado?

– Mas é verdade – insistiu ela, com menos autoconfiança. – Quero aperfeiçoar minhas habilidades de pesquisa...

– É porque você não sabe o que mais poderia fazer?

– Não.

– Porque não conseguiu um emprego no mercado?

– Não... Eu nem tentei.

– Ah.

Ele se mexeu, um vulto grande e embaçado chegando mais perto dela para derramar algo na pia. Olive sentiu cheiro de eugenol, sabão de roupa e pele masculina limpa. Uma combinação estranhamente agradável.

– Preciso de mais liberdade do que o mercado pode oferecer.

– Você não vai ter muita liberdade na academia. – Sua voz estava mais próxima, como se ele não tivesse se afastado ainda. – Vai ter que bancar seu trabalho com bolsas de pesquisa ridiculamente competitivas. Ganharia mais dinheiro num emprego de escritório que lhe permitisse cogitar ter finais de semana.

Olive fez cara feia.

– Está tentando me fazer desistir? É algum tipo de campanha contra usuários de lentes de contato vencidas?

– Não, não. – Deu para perceber que ele estava sorrindo. – Vou deixar pra lá e acreditar que foi só um lapso.

– Eu uso essas lentes *o tempo inteiro* e quase nunca...

– Numa longa lista de lapsos, evidentemente. – Ele suspirou. – O negócio é o seguinte: não tenho a menor ideia se você é boa o suficiente, mas não é isso que deveria se perguntar. O custo-benefício da vida acadêmica é muito ruim. O que importa é se a sua *motivação* para estar na academia é boa o suficiente. Enfim, por que o doutorado, Olive?

Ela pensou sobre isso, pensou e pensou mais um pouco. E então falou com cuidado:

– Eu tenho uma indagação. Uma indagação específica, de pesquisa. Algo que quero descobrir. – Pronto. Ali estava a resposta. – Algo que temo que ninguém vai descobrir se eu não fizer.

– Uma indagação?

Olive sentiu uma mudança no ar e percebeu que ele estava apoiado na pia.

– Isso. – A boca de Olive estava seca. – Algo que é importante para mim. E... Eu não confio em mais ninguém para pesquisar. Porque até agora não foi feito. Porque...

Porque algo ruim aconteceu. Porque quero fazer minha parte para que não aconteça novamente.

Eram reflexões pesadas para se fazer na presença de um estranho, na escuridão dos olhos fechados. Então, ela os abriu; a visão ainda estava embaçada, mas a ardência tinha praticamente sumido. O Cara estava olhando

para ela. Com os contornos ainda meio nebulosos, mas sem dúvida *ali*, esperando pacientemente que ela continuasse.

– É importante pra mim – repetiu ela. – A pesquisa que quero fazer.

Olive tinha 23 anos e era sozinha no mundo. Não queria finais de semana nem um salário decente. Queria voltar no tempo. Queria ser menos solitária. Mas, como isso era impossível, ela se contentaria em consertar o que conseguisse.

Ele assentiu, mas não disse nada. Empertigou-se e foi andando em direção à porta. Estava indo embora.

– Minha motivação é boa o suficiente para o doutorado? – perguntou ela, e na hora detestou ter soado tão desesperada por aprovação.

Era possível que estivesse no meio de algum tipo de crise existencial.

O desconhecido parou e se voltou para ela.

– É a melhor motivação.

Ele estava sorrindo, pensou ela. Ou algo assim.

– Boa sorte na entrevista, Olive.

– Obrigada.

Ele já estava quase saindo.

– Quem sabe a gente se encontra no ano que vem – completou ela, corando um pouco. – Se eu entrar. E você ainda não tiver se formado.

– Quem sabe – disse ele.

E O Cara foi embora. E Olive nunca soube seu nome. Mas, algumas semanas depois, quando o departamento de biologia de Stanford lhe ofereceu uma vaga, ela aceitou. Sem hesitar.

Capítulo Um

♥ **HIPÓTESE:** *Quando me for dada a possibilidade de escolher entre A (uma situação ligeiramente incômoda) e B (um pandemônio de grandes proporções com consequências desastrosas), eu vou acabar, inevitavelmente, optando por B.*

Dois anos e onze meses depois

Em defesa de Olive, o homem não parecia se importar tanto com o beijo.

Sim, ele levou um momento para se acostumar – o que era perfeitamente compreensível, dadas as circunstâncias repentinas. Foi um minuto constrangedor, desconfortável e um tanto doloroso, no qual Olive ao mesmo tempo pressionava os lábios contra os dele e ficava na ponta dos pés para manter a boca na mesma altura do seu rosto. Esse cara precisava ser *tão* alto?

Aquele beijo estava parecendo uma cabeçada meio desengonçada, e ela foi ficando ansiosa, achando que não ia conseguir levar a coisa toda adiante. Sua amiga Anh, que Olive tinha visto se aproximando havia alguns segundos, ia olhar aquilo e saber na mesma hora que não tinha a menor chance de Olive e o Cara do Beijo estarem no meio de um encontro romântico.

Mas então o momento angustiante passou e o beijo ficou... diferente. O homem inspirou fundo e inclinou de leve a cabeça, fazendo com que Olive deixasse de parecer um mico escalando um baobá. As mãos dele – que

eram grandes e quentinhas no ar-condicionado do corredor – abraçaram a cintura dela. Elas se moveram mais alguns centímetros para cima, puxando Olive para mais perto. Nem muito grudado, nem muito longe.

Na medida certa.

Estava mais para um selinho prolongado do que qualquer outra coisa, mas era gostoso, e naqueles poucos segundos Olive se esqueceu de muitas coisas, inclusive do fato de estar atracada a um homem desconhecido e aleatório. Esqueceu que mal tivera tempo de sussurrar “Posso te beijar?” antes de grudar os lábios nos dele. E apagou da mente a razão que a levava a dar aquele showzinho – a esperança de enganar Anh, sua melhor amiga.

Um beijo dos bons é mesmo capaz disso: fazer uma garota se esquecer de si mesma por um tempo. Olive já estava se aninhando naquele peito largo e firme. As mãos dela passeavam do queixo definido até os cabelos surpreendentemente fartos e macios e, então... então ela ouviu a si mesma suspirando, como se já estivesse sem fôlego, e foi aí que se deu conta, como se uma pedra tivesse caído em sua cabeça. Não. Não.

Não, não. *Não.*

Ela não deveria estar curtindo. Era um cara aleatório e tudo o mais.

Olive teve um sobressalto e se afastou dele, olhando em volta desesperadamente, à procura de Anh. Sob o brilho azulado das onze da noite no corredor do laboratório de biologia, não havia nem sinal da amiga. Estranho. Olive tinha certeza de tê-la visto alguns segundos antes.

O Cara do Beijo, por outro lado, estava parado bem na frente dela, a boca entreaberta, o peito subindo e descendo e um brilho estranho nos olhos, e foi então que ela percebeu a enormidade do que tinha acabado de fazer. Ou de *quem* ela tinha acabado de beijar...

Putá merda.

Ela estava ferrada.

Porque o Dr. Adam Carlsen era conhecido por ser um babaca.

Esse dado, por si só, não seria exatamente digno de nota. No mundo acadêmico, qualquer posição acima do nível de estudante de doutorado (o nível de Olive, infelizmente) exige algum grau de babaquice para que se consiga durar um tempo ali, e o corpo docente titular está bem no topo da pirâmide dos babacas. O Dr. Carlsen, no entanto, era um caso especial. Pelo menos se os boatos fossem verdadeiros.

Tinha sido por causa dele que Malcolm, o colega de quarto de Olive, precisou começar dois projetos de pesquisa do zero e ia provavelmente atrasar a formatura em um ano; por causa dele Jeremy vomitou de ansiedade antes do exame de qualificação. Ele fora o único culpado por metade dos alunos do departamento terem precisado adiar suas defesas de tese. Joe, que era do grupinho de amigos de Olive e a levava toda quinta à noite para assistir a filmes europeus desfocados com legendas minúsculas, tinha sido assistente de pesquisa no laboratório de Carlsen, mas resolveu desistir depois de seis meses por “motivos pessoais”. Provavelmente foi melhor assim, já que a maioria dos assistentes dele que sobraram estava sempre com as mãos trêmulas e parecia não dormir havia um ano.

O Dr. Carlsen podia ter sido um jovem astro do mundo acadêmico e um prodígio da biologia, mas também era cruel e exageradamente crítico. Pelo jeito que falava e se portava, era óbvio que se considerava o único fazendo um trabalho decente no departamento de biologia de Stanford. No mundo inteiro, provavelmente. Ele tinha fama de ser um cretino temperamental, antipático e assustador.

E Olive tinha acabado de beijá-lo.

Ela não tinha certeza de quanto tempo durou aquele silêncio, apenas sabia que foi ele quem o quebrou. O cara estava parado na frente de Olive, absolutamente intimidador com aqueles olhos escuros e cabelos mais escuros ainda, olhando-a do alto – devia ter pelo menos uns quinze centímetros a mais que ela, com certeza mais de 1,80 metro. Ele fez uma careta, uma expressão que ela já tinha visto nos seminários do departamento e que normalmente precedia o momento em que ele levantava a mão e chamava atenção para alguma falha grave no trabalho que estava sendo apresentado.

“Adam Carlsen, destruidor de carreiras de pesquisadores”, Olive tinha escutado sua orientadora dizer uma vez.

Está tudo bem. Tudo tranquilo. Supertranquilo. Ela ia fingir que nada tinha acontecido, acenar com a cabeça educadamente e sair de fininho dali. *Isso, um plano perfeito.*

– Você... Você acabou de me beijar?

Ele parecia confuso e talvez um pouco sem fôlego. Seus lábios estavam inchados e... Meu Deus. Não tinha a menor condição de Olive contestar o que tinha acabado de acontecer.

Ainda assim, valia a pena tentar.

– Não.

Para sua surpresa, aparentemente funcionou.

– Ah. Tudo bem, então.

Carlsen fez que sim com a cabeça e se virou, parecendo um tanto desorientado. Deu alguns passos no corredor até o bebedouro – talvez estivesse indo para lá antes daquilo tudo.

Olive começava a acreditar que fosse se safar quando ele parou e se virou para ela novamente, uma expressão incrédula no rosto.

– Tem certeza?

Droga.

– Eu... – Ela cobriu o rosto com as mãos. – Não é o que parece.

– Está bem. Eu... Está bem – repetiu ele, devagar. Sua voz era grave, baixa e soava como se ele estivesse prestes a ficar bem irritado. – O que está acontecendo aqui?

Simplesmente não havia como explicar. Uma pessoa normal teria achado a situação de Olive esquisita, mas Adam Carlsen, que obviamente considerava empatia um empecilho e não um traço de humanidade, nunca entenderia. Ela deixou as mãos penderem ao lado do corpo e respirou fundo.

– Eu... Olha, não quero ser grossa, mas isso não é da sua conta.

Ele a encarou por um instante, depois assentiu.

– Sim. É claro. – Ele devia estar retornando ao seu estado habitual, porque o tom de voz perdeu aquele ar de surpresa e voltou ao normal: seco e lacônico. – Vou então voltar pra minha sala e começar a redigir minha queixa baseada no Título IX.

Olive soltou um suspiro de alívio.

– Sim, isso seria ótimo, já que... Espera aí. Vai fazer o quê?

Ele empinou o nariz.

– Título IX é uma lei federal sobre condutas sexuais impróprias no ambiente acadêmico...

– Eu sei o que é.

– Entendi. Então você escolheu deliberadamente desrespeitar a lei.

– Eu... O quê? Não, eu não fiz isso!

Ele deu de ombros.

– Devo estar enganado, então. Alguma outra pessoa deve ter me assediado.

- Assédio... Eu não *assediei* você.
- Você me beijou.
- Mas não *de verdade*.
- Sem primeiro garantir meu consentimento.
- Eu *perguntei* se podia te beijar!
- E então você me beijou sem esperar a minha resposta.
- O quê? Você disse sim.
- Como é que é?

Ela franziu a testa.

- Eu perguntei se podia te beijar e você disse que sim.
- Errado. Você perguntou se podia me beijar e eu ri.
- Eu *tenho certeza* que ouvi você dizer sim.

Ele arqueou uma sobrancelha, e por um minuto Olive se permitiu sonhar que estava afogando alguém. O Dr. Carlsen. Ela mesma. Ambos pareciam ótimas opções.

- Olha, eu sinto muito mesmo. É uma situação estranha. Podemos só esquecer que isso aconteceu?

Ele a analisou por um bom tempo, seu rosto anguloso com uma expressão séria e algo mais, alguma coisa que ela não conseguiu interpretar porque estava muito ocupada percebendo, mais uma vez, como ele era alto e largo. Enorme. Olive sempre foi franzina, quase magra demais, mas garotas com 1,72 metro raramente se sentem pequenas. Pelo menos até estarem ao lado de Adam Carlsen. Ela já sabia que ele era alto, óbvio, de tanto vê-lo por ali no departamento ou andando pelo campus, e por pegar o elevador com ele, mas os dois nunca tinham interagido. Nunca tinham ficado assim tão próximos.

A não ser um minuto atrás, Olive. Quando você quase enfiou a língua na...

- Você está com algum problema? – perguntou ele, parecendo quase preocupado.

- O quê? Não, não estou.

- Porque – continuou ele, com calma – beijar um estranho no meio de um laboratório de ciência à meia-noite talvez seja um indício de que tem algo errado.

- Não tem.

Carlsen assentiu, pensativo.

– Pois bem. Espere receber uma notificação nos próximos dias, então.

O homem começou a se afastar, e ela se virou e gritou:

– Você nem perguntou meu nome!

– Com certeza qualquer pessoa pode descobrir, já que você passou seu crachá para entrar no laboratório depois do expediente. Tenha uma boa noite.

– Espera aí!

Ela se inclinou para a frente e segurou seu pulso. Ele parou imediatamente, embora pudesse se soltar sem qualquer esforço, e ficou olhando para o exato lugar onde os dedos dela envolviam sua pele, bem abaixo do relógio que provavelmente custava uns seis meses de sua bolsa de doutorado. Talvez o ano inteiro.

Ela o soltou e deu um passo para trás.

– Desculpe, eu não quis...

– O beijo. Explique.

Olive mordeu o lábio. Ela realmente tinha se ferrado. Precisava contar a ele.

– Anh Pham. – Ela olhou em volta para se certificar de que Anh realmente não estava ali. – A garota que estava passando na hora. Ela é aluna de doutorado no departamento de biologia.

Carlsen não deu qualquer indício de saber quem era Anh.

– Anh tem... – Olive colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Era aí que a história ficava meio constrangedora, complicada e meio infantil. – Eu estava saindo com um cara do departamento, Jeremy Langley. Ele é ruivo e trabalha com o doutor... Enfim, nós saímos algumas vezes e eu o levei à festa de aniversário de Anh, e eles meio que se deram muito bem e...

Olive fechou os olhos. Aquilo provavelmente tinha sido uma má ideia, porque de repente ela estava visualizando de novo a cena: sua melhor amiga e seu ficante conversando animados na pista de boliche, como se já se conhecessem a vida inteira; os assuntos que nunca tinham fim, as risadas e, então, no fim da noite, Jeremy olhando para Anh a cada movimento que ela fazia. E a dor de saber com certeza em quem ele estava interessado.

Olive abanou com a mão e tentou sorrir.

– Para encurtar a história, quando Jeremy e eu terminamos, ele chamou Anh pra sair. Ela disse que não podia, por causa da lealdade entre amigas e

tal, mas eu sei que ela gosta *mesmo* dele. Está com medo de me magoar e, por mais que eu diga que está tudo bem, ela não acredita em mim.

Sem contar o outro dia, em que eu a ouvi confessar ao nosso amigo Malcolm que ela acha Jeremy incrível, mas que nunca me trairia saindo com ele. Sua voz pareceu triste, decepcionada e insegura, nada a ver com a Anh ousada e expansiva que ela conhecia.

– Então eu menti e disse a ela que já estava saindo com outra pessoa. Porque ela é uma das minhas melhores amigas e eu nunca a tinha visto gostar tanto de um cara, e quero que ela tenha todas as coisas boas que merece, e sei que ela faria o mesmo por mim, e... – Olive percebeu que estava tagarelando e que Carlsen não dava a mínima. Parou e engoliu em seco. – Hoje à noite. Eu disse a ela que tinha um encontro *hoje à noite*.

– Ah.

A expressão dele era indecifrável.

– Mas não tenho – continuou Olive. – Então decidi vir trabalhar e fazer um experimento, mas Anh apareceu também. Não era pra ela estar aqui. Mas estava. Vinha na minha direção. E aí eu entrei em pânico. – Olive secou o rosto com a mão. – Não pensei direito.

Carlsen não disse nada, mas em seus olhos estava claro que ele pensou: “Deu pra ver.”

– Eu precisava fazer ela acreditar que eu estava num encontro.

Ele fez que sim com a cabeça.

– E aí você beijou a primeira pessoa que passou no corredor. Perfeitamente lógico.

Olive fez uma careta.

– Quando você coloca dessa forma, talvez não tenha sido meu melhor momento.

– Talvez.

– Mas não foi o meu pior também! Tenho quase certeza de que Anh viu a gente. Agora ela vai achar que eu estava num encontro com você e talvez se sinta liberada pra sair com o Jeremy e... – Ela balançou a cabeça. – Olha. Eu sinto muito, muito mesmo, pelo beijo.

– Sente?

– Por favor, não me denuncie. Eu realmente achei que você tinha dito sim. Juro que não tinha a intenção de...

De repente, a enormidade do que ela acabara de fazer ficou evidente. Ela tinha beijado um cara aleatório, um cara que por acaso era a pessoa mais desagradável do departamento de biologia. Havia confundido uma risada com consentimento, praticamente o atacara no corredor, e agora ele olhava para ela de um jeito estranho e reflexivo, tão focado e próximo dela e...

Merda.

Talvez fosse o avançado da hora. Talvez fosse porque tomara seu último café dezesseis horas antes. Talvez fosse porque Adam Carlsen estava olhando para ela *daquele* jeito. De repente, a situação toda ficou insustentável para ela.

– Na verdade, você está totalmente certo. E eu lamento muito. Se você se sentiu assediado por mim, devia mesmo me denunciar, porque é justo. Eu fiz uma coisa horrível, embora não fosse minha intenção... Não que a minha intenção tenha alguma importância. É mais como foi a sua percepção de...

Merda, merda, merda.

– Vou embora agora, está bem? – anunciou ela. – Obrigada e... Eu sinto muito, muito, *muito mesmo*.

Olive deu meia-volta e saiu correndo pelo corredor.

– Olive. – Ela o ouviu chamar. – Olive, espere...

Ela não parou. Desceu correndo as escadas até o primeiro andar, depois saiu do prédio e seguiu pelas ruas mal iluminadas do campus de Stanford, passando por uma garota com um cachorro e um grupo de alunos rindo diante da biblioteca. Continuou correndo até chegar à porta de seu apartamento, parando apenas ao destrancar a porta, e avançou em linha reta até o quarto na esperança de evitar seu colega e qualquer pessoa que ele tivesse trazido para casa.

Foi só quando ela estava jogada na cama, olhando para as estrelas coladas no teto que brilhavam no escuro, que ela se deu conta de que não tinha checado seus ratos no laboratório. Ela também havia deixado o notebook na bancada e o casaco em algum lugar por lá, e também esquecera totalmente de parar no mercado para comprar café, como tinha prometido a Malcolm que faria.

Merda. Que dia desastroso.

Olive nunca percebeu que o Dr. Carlsen – conhecido por ser um babaca – a tinha chamado pelo nome.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

